

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

# Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

GES  
PCP

## OS VALENTES PESCADORES DE MATOSINHOS RESISTEM CORAJOSAMENTE À OFENSIVA DOS ARMADORES por uma nova contrata para todos os pescadores

Dois meses se passaram e os valentes pescadores de Matosinhos continuavam a manter-se firmes na defesa do que se tornara habitual: um baú cheio de peixe, em vez das 30 a 40 sardinhas que lhes cabiam pela «caldeira».

A contrata em vigor data de há 2 anos e foi fruto da luta travada pelos pescadores. O aumento do custo de vida verificado de então para cá desactualizou-a completamente, de que resultaram as lutas em curso.

Por deficiências de vária ordem, entre elas dificuldades de organização, em 1967, os pescadores de Matosinhos, assim como os do Algarve, não tiveram condições para impôr a revisão da contrata.

Como reacção à sua desactualização, os pescadores de Matosinhos passaram a encher simplesmente os baús de sardinha, quer fossem grandes, médios ou pequenos. Esta forma de proceder foi absolutamente justa, pois com ela se tinha em vista diminuir a diferença entre o aumento do custo de vida e os seus vencimentos desactualizados.

Como sempre o patronato foi pronto em pedir a intervenção das autoridades e das forças repressivas contra os pescadores. Dada, porém, a reacção firme destes e o facto da safra estar praticamente no fim, os armadores não têm já grandes possibilidades de alterar a situação

sendo de esperar que se mantenha até ao fim da safra, acompanhada de tentativas de repressão em vários graus.

Os motoristas e ajudantes viram satisfeita a sua reivindicação de aumento de salário

Mobilizando tudo o que podiam para impedir os pescadores de trazerem peixe para terra, os armadores também recorreram a tudo para não aumentarem os salários aos motoristas e seus ajudantes. Estes, porém, não ces-

saram de reclamar e lutar por esse aumento, chegando alguns a despedirem-se. Conhecedores de que na situação presente não era difícil aos motoristas arranjar trabalho noutros locais e receosos que outros tomassem a mesma decisão, o que significaria a paralisação dos barcos, os armadores foram forçados a satisfazer a sua justa reivindicação: 120\$00 por dia aos motoristas e 100\$00 aos ajudantes e 1 a 1,5% sobre o pescado.

(continua na 3.ª pág.)

## AINDA A CATÁSTROFE DE 25 DE NOVEMBRO

### Ante o criminoso desinteresse do governo chamamos o povo das zonas sinistradas à luta organizada, firme e unida

Dezenas de milhões de contos para os monopólios e a guerra colonial. Apenas 250 mil contos da verba normal do ministério da economia para as populações das zonas devastadas. A maior parte desse dinheiro irá parar às mãos dos grandes industriais e agrários.

Só a luta das massas populares forçará o governo fascista a tomar novas medidas, que correspondam às imperiosas necessidades de milhares de famílias sem lar, de milhares de trabalhadores desempregados, de camponeses cujas terras foram devastadas pelas cheias, de pequenos e médios comerciantes e industriais arruinados.

Os dinheiros públicos, desviados para fins de guerra e de repressão, ou investidos em favor dos monopólios, devem ser aplicados no socorro às vítimas da catástrofe.

Em vez de medidas de assistência o governo tomou medidas de repressão. O bando sinistro da PIDE, a GNR, PSP, Legião, PVT, apoiados pela imprensa dos monopólios, pela rádio e a televisão, procuraram abafar os pro-

testos populares, os brados de indignação, a célera e a revolta que tomou o povo das zonas sinistradas, logo que se deu conta da grandeza da catástrofe e das responsabilidades que nela tinham os governantes fascistas.

Após a covarde fuga do governador militar de Lisboa, general Moura Santos da zona do forte do Carrascal, onde, segundo as autoridades fascistas, não havia razão para alarmes, a única medida tomada na manhã de 26 de Novembro, por ordem daquele general, foi lançar a policia militar, a PSP e a GNR numa «operação anti-subversiva» que teve como fim prender dezenas de pessoas justamente alarmadas com a possibilidade de novas explosões.

Enquanto Alhandro permanecia sem socorros, entregue apenas ao esforço e à solidariedade do povo, 200 paraquedistas, dirigidos por um capitão, vigiavam da parte alta, junto à estrada nacional, a vila mergulhada na angústia e desespero.

Em Odivelas, uma das zonas mais martirizadas, não faltou no dia 26 de Novembro, a presença da GNR, na área onde se procedia à remoção de cadáveres e de destroços, não para participar nos trabalhos, mas para vigiar os «suspeitos», para interpelar pessoas, para espalhar o terror.

De noite essa mesma vigilância afrontosa continuou. Patrulhas da GNR, munidas de lan-

(continua na 2.ª pág.)

## 1.500 ESTUDANTES MANIFESTAM-SE NAS RUAS DE COIMBRA OS ESTUDANTES DE LISBOA DESMASCARAM AS MEDIDAS DO GOVERNO FASCISTA

Numa conferência de imprensa realizada em começos de Dezembro, os estudantes de Lisboa desmascararam corajosamente a inépcia e incúria do governo no auxílio às vítimas da catástrofe de 25 de Novembro, denunciaram as consequências da política fascista, as medidas repressivas tomadas contra os estudantes, para afastá-los dos trabalhos de socorro aos sinistrados. O governo proibiu a publicação do texto da conferência e a sua distribuição.

Em Coimbra os estudantes manifestaram publicamente a sua hostilidade às medidas arbitrárias do governo, que tentou impedir as comemorações tradicionais da «Tomada da Bastilha».

### A luta dos estudantes de Coimbra

A firmeza e unidade dos estudantes de Coimbra neutralizaram a acção policial desenvolvida pela comissão administrativa da Associação Académica. Com a mesma firmeza e unidade responderam à anulação, determinada pelo ministro da Educação Nacional, do programa cultural elaborado para as comemorações da «Tomada da Bastilha», organizando uma concentração de centenas de estudantes na cantina da Associação, onde teve lugar um almoço no qual participaram também 200 estudantes das delegações de Lisboa

e Porto. Durante o almoço discutiram, num ambiente de vigoroso entusiasmo, importantes problemas do movimento associativo das três universidades.

Posteriormente, os estudantes reuniram-se na sala de convívio da Associação Académica, apesar da proibição ministerial, e na presença da comissão administrativa que ali se deslocou numa função de policia. Os participantes desta reunião entoaram câncões de protesto e aos gritos de «leições livres» testemunharam a sua hostilidade à comissão administrativa, imposta

(continua na 4.ª pág.)

## NOVO ANO Novas e importantes lutas dos trabalhadores

No começo do Ano Novo, o «AVANTE!» saúda a classe operária e todos os trabalhadores e manifesta-lhes a sua confiança em novos êxitos da sua luta contra a exploração capitalista e o regime fascista, contra a guerra colonial, pela conquista da Democracia.

Saúda em particular os operários corticeiros, têxteis, metalúrgicos, operários das construções navais, dos transportes colectivos de Lisboa e Porto, ferroviários, operários conserveiros e da indústria de confeções, pescadores, bancários, trabalhadores da imprensa, portuários, caixeiros, operários agrícolas, estudantes, intelectuais, camponeses, soldados e marinheiros, que participaram na luta, pela defesa da Cultura e das liberdades democráticas, pela defesa dos seus interesses e contra a guerra colonial, nas fábricas, nos campos, nos quartéis, nos navios, nos estabelecimentos de ensino.

As acções desenvolvidas são uma prova do espírito de luta e da consciência de classe dos trabalhadores, da sua força e da sua unidade, embora tenham registado deficiências de organização e de direcção, que nem sempre

(continua na 3.ª pág.)





# CHAMAMOS O POVO DAS ZONAS SINISTRADAS à luta organizada, firme e unida

(continuação da 1.ª pág.)  
nas eléctricas, estabelecia uma severa fiscalização nas ruas e estradas, detendo e interrogando transeuntes.

Um poderoso dispositivo de repressão ocupou a área martirizada sob o comando directo do ministro do Interior. Foi esse dispositivo policial, apoiado nas autoridades locais, que tentou impedir a inesquecível manifestação de solidariedade dos estudantes, que desde as primeiras horas se apresentaram na área da catástrofe, para socorrer as vítimas, para realizar os traba-

lhos mais duros.

A acção repressiva juntou-se o férreo poder da censura, que fez calar a voz da imprensa legal, mas que não pôde amordacar a voz do Partido Comunista Português, do «AVANTE!», da Rádio Portugal Livre, nem da Frente Patriótica de Libertação Nacional e da sua emissora, A VOZ DA LIBERDADE, que se elevaram por cima dos esbirros salazaristas e do governo de traição nacional, para denunciar os seus crimes e as desastrosas consequências da sua política, para esclarecer e orientar o povo

industriais e comerciantes arruinados, é bem a comprovação do que afirmava o «AVANTE!» no seu número anterior ao denunciar o facto do governo fascista não tomar uma única medida séria no auxílio aos sinistrados, não verter uma verba extraordinária do Orçamento para os socorros imediatos e procurar resolver, com pequenas verbas e com o recurso à caridade pública, situações angustiantes e urgentes, que exigem o dispêndio de milhões de contos.

Duzentos mil contos gastou o governo fascista, em 1967 com a construção do bairro residencial para os alemães na base aérea de Beja.

Duzentos e cinquenta mil contos vão ser gastos este ano, segundo a rubrica inserta no Orçamento, com aquela base.

Esta é a verdadeira política de fascismo. Esta é a sua verdadeira face. Que o desmintam, se são capazes os governantes sem escrupulos.

## A HIPOCRISIA DO GOVERNO FASCISTA

Só uma descabelada hipocrisia e um desaforo sem limites puderam levar o governo a afirmar, na nota oficiosa do ministério do Interior de 9/12/67, que «na noite de 26 todos ficaram com abrigo, com agasalhos e sem fome».

É a própria imprensa diária que desmente as afirmações oficiais. «Olival Basto — escreve «O Século» de 30 de Novembro — primeira povoação à saída de Lisboa, pelo Lumiar, foi, pode dizer-se, a última a ser socorrida, embora tenha sido das mais duramente atingidas pela catástrofe da madrugada do passado domingo».

Odivelas, a dois passos de Lisboa, esteve quatro dias sem socorros oficiais. Foram os bombeiros, o povo e os estudantes que procederam à remoção dos cadáveres e dos destroços, que recolheram géneros e roupas, para agasalharem e alimentarem os sinistrados.

Alhandra, cinco dias após as

inundações, encontrava-se sem água e sem víveres. A população aungida carecia de abrigo e de roupas. No hospital onde se acumulavam os doentes e feridos, faltavam anti-bióticos e soro anti-tifóico para vacinar a população. Alenquer, Arruda dos Vinhos, a aldeia de Cardosos e muitas outras localidades estiveram vários dias sem pão, sem água e sem luz.

Só a 30 de Novembro seguiu para Vila Franca a primeira remessa de géneros e de roupa.

Para a aldeia de Quintas, completamente destruída, o governo enviou, para proceder à remoção dos destroços e dos cadáveres, 1 buldozer, 1 camioneta, 1 auto-tanque e 1 dumper, quatro dias depois da tragédia.

Sem a abnegada acção dos estudantes e em particular dos estudantes de Medicina, que procederam voluntariamente à vacinação em massa da população, o flagelo duma epidemia teria seguido à catástrofe das inundações.

## A DEMAGOGIA DO GOVERNO NÃO ESCONDE O DESPREZO PELO POVO

Segundo os dados oficiais, publicados na imprensa diária de 28 de Dezembro, há 1.500 casas destruídas, embora certamente se não contem neste número as miseráveis moradias dos «bairros da lata» que desapareceram da Várzea de Odivelas, Urmeira, Olival Basto, Santo Adrião, Pombais da Pontinha e de outras zonas, pois no dizer da nota oficiosa do ministério do Interior «o seu número pode-se considerar diminuído em relação ao total».

Para a reconstrução de milhares de moradias o governo fascista autorizou as câmaras das zonas sinistradas a contraírem um ridículo empréstimo de 70 mil contos à Caixa Geral de Depósitos, que o povo terá de pagar.

Como se a catástrofe não contasse e a experiência não servisse, o governo fascista está instalando em barracas pré-fabricadas, que se transformarão em moradias definitivas, várias famílias sem lar, nas zonas recentemente flageladas pelas inundações, em vez de proceder à expropriação e compra de edifícios, em condições de segu-

rança e de higiene.

O subsídio concedido aos trabalhadores desempregados revela outro gritante aspecto da política de mentiras do governo. Esse subsídio, arrancado do salário dos operários, através das Caixas de Previdência, não é apenas insuficiente. Ele abrange somente um reduzido número de trabalhadores. Há ainda a assinalar o facto de que tal subsídio, variável, segundo os casos, é requerido pelas empresas e distribuído por estas. Por tática premeditada, por demagogia, o governo fascista não alardeou ainda a quanto monta a verba dispendida com os operários sem trabalho. Por que não aplica no auxílio aos desempregados, numa situação tão premente, os dinheiros do Fundo do Desemprego, que subtrai, há dezenas de anos, do salário dos trabalhadores, e que desvia para as obras mais dispendiosas, incluindo a construção de postos da PIDE?

O quantitativo de 250 mil contos concedido pelo ministério da Economia para subsídios e empréstimos aos agricultores, in-

Como estão a ser destruídas as roupas, géneros e dinheiro largamente recolhidos da solidariedade nacional e internacional?

Nenhum esclarecimento concreto veio ainda a público, por parte do governo fascista, e é de temer que verbas importantes, de centenas de contos, que toneladas de roupas e de géneros desapareçam por roubo, devlo ou gastos ilícitos dos fascistas, das senhoras da alta roda, das autoridades locais.

Alerta povo das zonas sinistradas! Alerta todos os que carecem de assistência! Ide em massa aos centros de distribuição! Exigi que vos sejam fornecidos agasalhos, géneros e dinheiro que vos pertencem! Exigi que vos sejam prestadas contas! Exigi das autoridades locais que vos seja concedido alojamento!

É necessário que os subsídios de desemprego abarquem os milhares de operários sem trabalho e correspondam aos salários que ganhavam.

É necessário que o governo fascista atenda a angustiosa situação dos camponeses, dos pequenos e médios industriais e comerciantes, concedendo-lhes subsídios gratuitos e empréstimos suficientes, isentando-os de contribuições e impostos.

É necessário proceder à construção de diques e ao desassoreamento dos rios.

É necessário proceder à rápida construção de moradias, para albergar milhares de famílias sem lar.

Durante os dias mais dolorosos da catástrofe, operários,

camponeses, soldados, marinheiros, bombeiros, jovens e mulheres encontraram-se lado a lado na tarefa de salvar vidas, de remover cadáveres, de recuperar haveres. Na mesma generosa tarefa se empenharam comunistas, católicos, socialistas, republicanos e liberais. Eles formaram uma só frente e constituíram uma só força. Essa frente e essa força são hoje tão necessárias como nos dias trágicos de Novembro.

Comunistas! Desenvolvamos e cimentemos a unidade da classe operária e a sua aliança com os camponeses, na luta pela defesa dos seus interesses. Criemos comissões de unidade nas fábricas, nos campos, nos bairros, aldeias e vilas das zonas flageladas. Organizemos poderosas acções de massas, que através de concentrações nas câmaras municipais, de marchas de camponeses e operários, de abaixo-assinados e de outras formas de luta forcem o governo fascista a resolver os mais imperiosos problemas dos sinistrados, a tomar medidas rápidas e eficientes.

Socialistas, católicos, republicanos, liberais! Fortaleçamos a nossa união! Reforcemos a ligação com o povo das áreas devastadas e de todo o país, orientando-o na luta pela satisfação das suas reivindicações, contra o governo fascista e a sua política de guerra, de opressão e de miséria.

Uma tal frente e uma tal luta abrem o caminho ao levantamento nacional, ao combate decisivo contra a ditadura.

## MAIS FUNDOS PARA O PARTIDO reforcemos a iniciativa dos militantes

A situação financeira do Partido é uma demonstração da sua força e influência, da sua ligação com as massas, do espírito de iniciativa e de organização dos seus militantes. As debilidades que se manifestam neste domínio reflectem-se na vida geral do Partido.

Que cada militante comunista, que cada trabalhador de vanguarda, que cada simpatizante do

Partido ganhe a noção do que representa a obtenção regular de fundos e o espírito de iniciativa para aumentar em cada mês os quantitativos recebidos. Que cada militante, cada organismo analise as suas possibilidades neste domínio. Reforcemos a iniciativa dos militantes. Criemos novos grupos de amigos do Partido. AMPLIEMOS A RECOLHA DE FUNDOS.



# ANO NOVO — NOVAS E IMPORTANTES LUTAS

(continuação da 1.ª pag.)  
 permitiram resultados vitoriosos.  
 A classe operária reafirmou na

prática que é a força de vanguarda na luta geral contra o fascismo e o poder dos monopólios.

## 1967 CONHECEU VÁRIOS ÊXITOS DA LUTA DOS TRABALHADORES

Nos combates de classe contra a exploração, o ano que findou conheceu os resultados positivos da corajosa luta das conserveiras das fábricas Feu & Hermanos, da União Conserveira do Algarve, das conserveiras de Matosinhos, luta conduzida com firmeza e unidade.

As concentrações e a luta persistente dos operários da Cimento Tejo, Cavan, Mangue, Nitratos de Portugal, corticeiros de Vale da Lama, têxteis de Santo Tirso, operários da Trefilaria de Sacavém, operários da FEX e de outras empresas permitiram-lhes conquistar melhores salários e outras reivindicações.

Na Construtora Abrantina, os operários concentrados diante dos escritórios da empresa, recusaram-se a recomeçar o trabalho, apesar da presença ameaçadora da GNR, enquanto não lhes fosse garantida a satisfação do seu pedido de aumento de salários.

As concentrações dos corticeiros do Montijo no sindicato, on-

de reclamaram o pagamento dos feriados obrigatórios sem compensação de horas suplementares, registaram um sucesso digno de nota.

Destacamos também as corajosas concentrações do pessoal da Carris de Lisboa, a luta dos operários da Siderurgia Nacional que, apesar das debilidades manifestadas, foram uma afirmação de combatividade e de noção dos seus direitos.

Destacamos as deserções e a luta dos soldados contra a guerra colonial.

A classe operária celebrou a jornada do 1.º de Maio, comemorou o cinquentenário da Revolução Socialista de Outubro.

Democratas de várias tendências assinalaram, com romagem aos cemitérios, fantases e outros actos de confraternização anti-fascista, em Lisboa, Coimbra, Viseu, Porto, Braga, Famalicão, Barcelos, Fafe, Guimarães, e outras localidades, a data da instauração da República em Portugal.

nal e das novas formas de exploração, com que pretendem iludir e neutralizar a luta por aumento de salários e com que fazem subir, mais rapidamente ainda, os volumosos lucros capitalistas.

Entretanto o custo de vida não deixará de crescer. A guerra colonial continuará impondo novos e pesados sacrifícios à classe operária e ao povo português.

## VENÇAMOS AS DEFICIÊNCIAS MARCHEMOS ADIANTE

O que demonstra a experiência dos conserveiros, dos têxteis do algodão, dos motoristas, dos operários dos tabacos, dos pescadores do bacalhau, dos caixeiros, dos empregados de escritório do Sul?

Os seus pedidos de aumento de salários ficaram sem resposta, na gaveta do ministro das Corporações, porque a sua luta não foi devidamente organizada, nem conduzida com suficiente firmeza, continuidade e amplitude, sob a direcção de comissões de unidade e de comissões sindicais, de modo a coordenarem as acções reivindicativas à escala local, regional e nacional. Estas lutas ficaram, em larga medida, entregues à decisão de dirigentes sindicais traidores, que tudo fizeram e continuam a fazer para torpedear aumento de salários.

As acções reivindicativas dos trabalhadores da Carris de Lisboa, dos portuários, dos operários da Arsenal do Alfeite, da Parry & Son, da Lisnave, dos corticeiros da Margem Sul, dos tra-

Os monopólios estrangeiros continuarão a viver da exploração desenfreada dos trabalhadores portugueses.

Só a luta firme, unida e consequente da classe operária contra os seus exploradores, contra o imperialismo estrangeiro, contra a guerra colonial, contra o governo fascista permitirá por cobro à presente situação.

Balhedores dos Telefones e de outros não serão coroadas de sucesso se a luta não ganhar novo impulso, se os operários se não organizarem melhor, não levarem a efeito novas concentrações, não realizarem paralisações de trabalho e greves, não se dispuserem a deirontar corajosamente o patronato e o aparelho repressivo do fascismo, não derem às lutas um carácter sistemático e devidamente estruturado.

«A emancipação dos trabalhadores há-de ser obra dos próprios trabalhadores», escreveram Marx e Engels no Manifesto Comunista. Esta palavra de ordem dos geniais criadores do socialismo científico tem uma premente actualidade, para a luta da classe operária e dos trabalhadores portugueses.

A exploração capitalista não abarca apenas os trabalhadores desta ou daquela empresa. Abarca os trabalhadores à escala do país. Engloba todos os trabalhadores, independentemente das suas crenças religiosas ou ideias políticas. Por isso a luta dos trabalhadores deve ser conduzida sob a bandeira da unidade, partindo da empresa para o mesmo sector industrial, de modo a que os têxteis, os corticeiros, os metalúrgicos, os operários vidreiros desenvolvam a sua luta não apenas numa empresa mas à escala do país, encontrando as formas de organização indispensáveis ao desenrolar da luta, imprimindo a esta um impulso decisivo, que a faça subir de volume, que aumente a combatividade, a unidade, a consciência de classe dos trabalhadores e os leve a um sucesso final.

«A luta popular de massas é o motor da revolução».

## AS CONSERVEIRAS E O AUMENTO DE SALÁRIOS

Pela terceira vez, no período de ano e meio, os industriais das conservas e os dirigentes sindicais traidores afirmaram em Dezembro último que os salários das conserveiras e conserveiros iam ser aumentados. Sejam quais forem os objectivos que têm em vista, uma attitude se impõe ao pessoal das conservas, em todo o país: Forçá-los a cumprir a promessa, num curto prazo.

Conserveiras e conserveiros! Organizai desde já a vossa luta. Criai as vossas comissões de unidade e as vossas comissões sindicais, nos principais centros conserveiros. Promovei reuniões de operárias e operários para combinar o modo de agir. Concentrai-vos em grande número nos sindicatos e exigi que vos seja dado conhecimento do que se passa. Exigi que os vossos salários sejam aumentados de acordo com o custo de vida.

## SÓ A LUTA PORÁ COBRO À PRESENTE SITUAÇÃO

Durante o ano que passou o patronato e o fascismo não satisfizeram as mais legítimas reivindicações dos trabalhadores. No ano que começa eles preparam-se para intensificar a ex-

ploração, aumentando a produtividade, os ritmos esgotantes, o «trabalho à ficha», o «mérito», a «assiduidade», as horas extraordinárias, como processo escandaloso da demagogia patro-

## OS VALENTES PESCADORES DE MATOSINHOS RESISTEM CORAJOSAMENTE À OFENSIVA DOS ARMADORES

(continuação da 1.ª pag.)  
 Se é verdade que sem os motoristas os barcos não podem sair para o mar, é igualmente verdade que se os pescadores se recusaram a embarcar, sem que primeiro sejam satisfeitas as suas reivindicações, os barcos não poderão realizar a feina da pesca.

Por uma nova contrata para a próxima safra

Os meses que separam o fim da safra actual do princípio da próxima devem ser aproveitados pelos pescadores de sardinha de todos os centros piscatórios do País para organizarem a sua próxima acção por uma contrata que insira aumento de salários, subsídios e outras regalias conformes com o aumento verificado no custo de vida e as condições de trabalho.

Para a próxima matrícula parece haver já a opinião quase geral entre os pescadores de Matosinhos que se deve reivindicar:

- 1.000\$00 de subsídio no início da safra para compra do vestuário e outros aviamentos
- 30\$00 diários, quer pesquem ou não.
- Um cabaz de peixe ao sábado «para a família».
- Subsídio de deslocação quando o traineira fique noutra

- porto.
- 1.000\$00 em cada 100.000\$00 de pescado.
- 80\$00 de abono de família para cada filho durante os 12 meses do ano.

É preciso, porém, que em reuniões pequenas e grandes, os pescadores de Matosinhos, Alurada, Vila do Conde, Póvoa de Varzim, assim como os do Centro e Sul do País, assentem e resolvam em definitivo no que devem reclamar para poderem minorar a situação difícil existente nos seus lares, provocada pelo aumento constante do custo de vida, sem contra-partida de qualquer aumento de ganhos ou de subsídio do custo de vida nestes dois últimos anos.

Organizar e unir para o combate

Por experiência própria, os pescadores de sardinha, em especial os de Matosinhos e Algarve, sabem que os armadores e o governo, representado pelas capitánias, não dão nada de vontade própria. Cedem apenas quando os pescadores a isso os forçam pela unidade combativa — pela sua luta massiva. Se por vezes se antecipam a dar 5, fazem-no com o objectivo de impedir que tome forma a tempestade,

que pouco tempo depois os obrigaria a cederem 10.

Pescadores de sardinha do Norte, Centro e Sul de Portugal! Os meses que vos separam do início da próxima safra não são demais para combinar o que deveis fazer para impôr uma nova contrata, para organizardes a vossa luta por melhores condições de vida e de trabalho.

A experiência de acções vitoriosas anteriores, especialmente em Matosinhos e Algarve, mostra a grande importância da participação das vossas mulheres na luta que se avizinha pela conquista das vossas reivindicações, que são também as delas e dos vossos filhos. Mobilizai-as!

Em todos os portos de pesca e locais de habitação é de aconselhar a realização constante de reuniões e a criação de Comissões ou grupos de pescadores para transmitirem aos que vivem noutros portos ou noutras localidades para transmitirem a todos o que se vai assentando e decidindo nas reuniões. Isto é muito importante porque sabendo todos o que todos querem e têm a fazer a vontade de lutar e de vencer será mais forte e a luta até à vitória tornar-se-á menos difícil.



## A DESVALORIZAÇÃO DA LIBRA E A ECONOMIA PORTUGUESA

A desvalorização da libra põe perante a economia portuguesa graves problemas, cuja responsabilidade cabe ao Governo, pela sua política de enfundamento e submissão ao imperialismo estrangeiro e particularmente à Inglaterra, no quadro da E.F.T.A..

Os patrões ingleses acabam uma vez mais de procurar a solução para as suas dificuldades à custa dos países que dominam economicamente. Comprova-se a justeza das acusações à política de submissão ao imperialismo estrangeiro e das advertências repetidas quanto aos seus perigos, como fez o Comité Central do nosso Partido em Julho de 1967.

Em resultado da política de submissão ao imperialismo, a desvalorização da libra vai custar caro à economia portuguesa e ao povo português.

Salazar ficou num verdadeiro beco sem saída, ou melhor, sem saída no quadro das soluções que um governo dos monopólios pode procurar.

O governo anunciou que o escudo não vai ser desvalorizado. Que sucederá? Primeiro: as mercadorias inglesas passarão a vender-se a mais baixo preço e assim será ainda mais difícil aos produtos industriais portugueses competir com elas no próprio mercado interno. Segundo: as mercadorias portuguesas que são exportadas para a Inglaterra passarão a ser vendidas a preços mais altos, o que conduzirá à restrição do seu consumo e à preferência por mercadorias dos países que acompanharam a desvalorização da libra desvalorizando também as próprias moedas. Nessas condições, é de esperar uma redução das exportações para a Inglaterra (que tem sido o maior comprador de mercadorias portuguesas) e para os outros países que desvalorizaram também. Considerando apenas estes aspectos é de prever um agravamento da situação de comércio externo, o aumento do já elevadíssimo déficit da balança comercial, dificuldades acres-

cidas em sectores da indústria e da agricultura portuguesa e embaraços financeiros que podem abalar o precário equilíbrio que os super-lucros coloniais, os investimentos estrangeiros, o turismo e as remessas de emigrantes têm permitido manter.

Deve notar-se que, se o governo resolvesse desvalorizar o escudo, as consequências seriam ainda mais sensíveis no imediato. A primeira: os vultuosos empréstimos contraídos no estrangeiro (tanto pelo Estado como por empresas privadas) e em moeda estrangeira não desvalorizada, aumentariam automaticamente num volume igual à percentagem da desvalorização, o que significaria que o endividamento do Estado e das empresas privadas portuguesas aumentaria substancialmente assim como os juros que já hoje um e outro têm de pagar. A segunda: Aumentariam os investimentos de capital estrangeiro, o que significaria o entrega ao imperialismo de novos sectores de economia portuguesa com o consequente agravamento da dependência portuguesa. A terceira: Verificar-se-ia uma subida vertiginosa dos preços e o rápido desenvolvimento do processo inflacionista, o que agravaria imediatamente a situação da classe operária e das massas populares em geral, provocando uma queda vertical do poder de compra das massas e dos salários reais dos trabalhadores.

A perspectiva da desvalorização do escudo não deve nem pode ser substituída. Face a novas e maiores dificuldades, a camarilha anti-nacional salazarista pode vir a operar essa desvalorização, mesmo que isso represente um golpe profundo no já baixo nível de vida das grandes massas da população, na economia nacional e na independência do País.

## O REFORÇO DA UNIDADE E A COMBATIVIDADE DOS BANCÁRIOS DETERMINARÃO O SUCESSO DA SUA LUTA

A recusa dos banqueiros em continuar as conversações com os representantes dos bancários não colocou a luta reivindicativa em ponto morto. Ela prossegue, com a participação activa de milhares de trabalhadores dos bancos, que se dispõem a fazer triunfar o seu pedido de aumento de ordenados e outras reivindicações.

Os bancos, cujos lucros condescidos são um justo motivo de indignação e de luta para o povo português, negam-se a satisfazer as modestas reivindicações dos seus empregados. Por este facto bem significativo, os bancários emprenderam novas acções, com o firme propósito de não deixar sem solução condigna a luta por eles iniciada há mais de um ano. As direcções dos sindicatos de Lisboa, Porto e Coimbra reuniram-se nesta cidade para fazerem um balanço da acção desenvolvida e das medidas a tomar. Uma nova exposição foi enviada ao ministro das Corporações, reafirmando a necessidade de uma solução urgente e estabelecendo o limite de 20 a 25 por cento para o aumento de vencimentos, que deve igualmente englobar o aumento de pensões e a aposentação. Em resposta, o ministro de Salazar aconselhou os bancários a reiniciarem as conversações com os magnates da finança.

A solução desejada pelos bancários não virá de concluídos com insolentes banqueiros nem da acção «moderadora» do ministro dos monopólios e dos ban-

cos. Virá somente da luta organizada, firme e consequente dos trabalhadores dos bancos. São estes que não de fazer prevalecer as suas justas reivindicações, reforçando a unidade e combatividade de que têm dado provas, impulsionando e apoiando a acção dos seus representantes, em tudo aquilo em que possa servir a classe, quebrando as tentativas de divisão e suborno empreendidas pelos banqueiros e o governo, estreitando a colaboração dos bancários de Lisboa, Porto e Coimbra e de todo o país, criando comissões de unidade nos bancos, à escala local, regional e nacional, que coordenem e impulsionem a luta.

A luta iniciada deve prosseguir o seu caminho, sem deslucimentos.

## Liberdade para Sofia Ferreira

Sofia Ferreira continua presa. A sua detenção numa cela do Forte de Caxias, após ter terminado a pena, é uma ameaça à sua abalada saúde, uma afronta à solidariedade de milhares e milhares de homens e mulheres, que no mundo inteiro reclamam a sua libertação. Intensifiquemos a luta para que Sofia Ferreira seja devolvida à liberdade.

## Os estudantes de Lisboa desmascaram as medidas do governo fascista

(continuação da 1.ª pág.)  
pelo governo.

Na sequência desta expressiva manifestação, 1.500 estudantes percorreram nessa noite as ruas centrais da cidade numa impressionante «marcha de silêncio». À densa massa estudantil juntou-se a população coimbrã, que compreendeu, estimulou e apoiou o protesto dos estudantes. Esta manifestação revestiu-se de invulgar grandiosidade. Ela comprova a existência de laços dia a dia mais fortes entre o povo e os estudantes.

### A solidariedade dos estudantes

Foi em torno da catástrofe de 25 de Novembro que os laços que unem os estudantes e o povo se manifestaram de uma maneira inesquecível.

Ao apelo das suas Associações, estudantes comunistas, católicos, socialistas e sem partido acorreram ao lado dos operários, camponeses, mulheres e jovens trabalhadores, na realização das mais variadas e difíceis tarefas: abertura de valas, desobstrução de ruas e casas, instalação de postos clínicos, ins-

trução sanitária, assistência urgente e vacinações em massa, distribuição de mantimentos e vestuário, organização de creches com os correspondentes serviços clínicos e outros.

Quarenta e quatro mil horas

### Obstrução e repressão foram os meios com que o governo respondeu à solidariedade estudantil

O escândalo do enxovalhante contraste entre esta acção e a inépcia e criminoso desinteresse das autoridades fascistas aguilhou o ministro Galvão Teles, que atabalhoadamente se apressou a tentar atenuar o efeito na opinião pública, da vergonhosa acção repressiva, comandada pelo governo.

Foi, porém ainda a intenção reprimir a actividade das Associações de Estudantes e usurpar o seu efectivo papel dirigente junto da massa associativa, tentando substituí-las pelos vários organismos fascistas de função académica, que animou o ministro no seu falso reconhecimento da acção realizada pelos estudantes.

Enganaram-se, porém, o mi-

de trabalho oferecidas ao povo das zonas sinistradas! Uma média diária de 600 estudantes, nalguns dias ascendendo a 1.300, abnegadamente devotados aos trabalhos mais duros, que maior espírito de sacrificio exigiam.

nistro e o governo fascista nos seus cálculos. O prestígio e autoridade das Associações Académicas não só se reforçaram perante os estudantes, mas receberam do povo, da opinião pública nacional e internacional, a sua mais honrosa consagração.

Os governantes salazaristas mais uma vez demonstraram até onde são capazes de ir no seu vil intento de bloquear e suprimir as Associações de Estudantes, livremente eleitas.

As jornadas de Coimbra e de Lisboa são um magnífico triunfo da unidade, organização, espírito de luta dos estudantes, dos seus generosos sentimentos de solidariedade humana e de amor pelo povo.

## Radio PORTUGAL Livre

Transmite todos os dias das 8 às 8,30 em 19 metros; das 20 às 22 horas em 25 metros. A última emissão é transmitida das 0,20 às 0,50 em 26, 32 e 36 metros.

Aos domingos uma emissão especial dedicada aos camponeses vai para o ar das 15 às 13,30 em 19, 20, 25 e 26 metros.

## Voz da Liberdade

Transmite todas as quartas e sábados a partir da 1,15 (da madrugada) em ondas curtas de 25, 31 e 49 metros e em ondas médias de 230 e 320 metros.



# O PREÇO DO PÃO VAI AUMENTAR

## contra a subida do custo de vida

### opunhamos a luta organizada e massiva dos trabalhadores



Continuam os conflitos de bastidor entre o ministro da Economia e os representantes do Grémio dos Industriais de Panificação, da Federação Nacional dos Industriais de Moagem e dos Produtores de Trigo. Em silêncio e contra o povo, preparam o aumento do preço do pão.

Por isso urge organizar a luta para que em cada fábrica, em cada bairro popular, em cada localidade possam ter lugar amplas acções de protesto contra o aumento do preço do pão, antes que seja tarde.

O novo ano que agora começa apresenta-se com maus auspícios para as massas populares: no que respeita ao agravamento do custo de vida a subida dos preços continua a processar-se a flecha, como continuam os ataques do patronato e do governo contra os salários dos trabalhadores. O preço do azeite sofreu novo aumento. Colocado em regime de venda livre dá origem a novos cambalachos, a novas negociações que servem os grandes agrários e os monopólios capitalistas.

Nos últimos tempos apenas a batata, cebola, fruta e uma ou outra variedade de hortaliça se vendem um pouco mais barato do que no segundo semestre de 1966 e nos primeiros meses de 1967. O arroz, a carne, o vinho, o leite, a manteiga, sofreram novos aumentos. O caso do bacalhau tomou proporções de autêntico escândalo, chegando algumas variedades a atingir o preço de 30\$00 e 35\$00 o quilo.

Mas não têm subido apenas os preços dos produtos alimenta-

res. Continuam a subir também os preços dos transportes, da electricidade, do gaz, da água, das rendas de casa. A recente subida dos preços dos transportes ferroviários representa um novo e duro golpe no poder de compra da classe operária e das massas trabalhadoras e confirma as previsões feitas em vários números do «AVANTE!».

A guerra colonial contribui grandemente para o aumento do custo de vida quer pela inflação que provoca, quer pelo aumento de impostos e de taxas fiscais que caem em particular sobre artigos de amplo consumo, quer pela especulação e pelas negociações escandalosas a que dá origem.

O total das despesas militares previstas para o ano que começa, atinge a linda soma de 8 milhões e 291 mil contos.

Em números sucessivos do «AVANTE!» alertámos a classe

operária e as massas trabalhadoras para a actual situação dizendo-lhes que se não organizassem a resistência activa contra o aumento dos preços, estes continuariam a subir em resultado da acção dos monopólios, da política fascista, da continuação da guerra colonial, que engole o melhor das receitas nacionais.

Afirmámos repetidas vezes que se os trabalhadores se não lançassem audazmente na luta organizada e massiva por aumento geral de salários, estes não seriam aumentados por livre vontade do patronato e do governo, nem aproximados do nível atingido pela crescente subida do custo de vida.

Hoje, com mais razão ainda, reafirmamos o que então dissemos: Resistência activa dos trabalhadores contra o agravamento do custo de vida. Luta organizada e massiva dos trabalhadores por aumento geral de salários.

## Contra o massacre da juventude nas guerras coloniais

### deserções colectivas mais potentes

Sujeitando às obrigações da nova Lei de Recrutamento Militar os mancebos maiores de 16 anos, o fascismo procura sufocar uma das mais frequentes manifestações de oposição da nossa juventude às guerras coloniais: a emigração em massa para o estrangeiro.

Ao mesmo tempo, nas juntas de inspecção, o governo de Salazar está a decretar verdadeiras

sentenças de morte: todos os mancebos, mesmo doentes, são agora apurados. Muitos têm de baixar imediatamente ao hospital, mas submetidos posteriormente a uma junta médica acabam por ficar apurados definitivamente. Vários doentes cardíacos têm morrido pouco depois, durante a instrução militar. Os que, apesar de tuberculosos, são enviados para as colónias, se conseguiram escapar a uma morte inglória, vêm morrer passados meses a Portugal.

No Hospital Militar, onde o quadro de uma juventude mutilada causa dor e revolta, as enfermarias estão a abarrotar, não há camas para o número sempre crescente de doentes, as altas são dadas com precipitação e sem escrúpulos. No anexo deste hospital, apinhado de convalescentes mal curados, regista-se uma percentagem assistadora de mortos e de recaídas.

Nas estatísticas fascistas, estes crimes continuam a ser contados como «acidentes».

Entretanto, o número de jovens incorporados vai aumentando à taxa anual de 10%. Abrangen já 70 mil mancebos no ano de 1967.

Só a resistência cada vez mais forte e combativa da nossa juventude contra as guerras coloniais, poderá impedir o prosseguimento dos crimes fascistas. Tal como aconteceu recentemente em Santarém, onde vários graduados e soldados desertaram do quartel depois de serem mobilizados para a Guiné, as deserções colectivas serão a melhor forma de protesto dos jovens e a sua melhor defesa.

Se é certo que os filhos do povo, jovens trabalhadores e estudantes, são os adversários natu-

## Mesa redonda na Suíça pela amnistia em Portugal

Em Fevereiro próximo deverá realizar-se na Suíça uma conferência de «mesa redonda» promovida pelo Comité pela Amnistia em Portugal. Esta Conferência tem como objectivo debater os problemas relacionados com a repressão no nosso país e esclarecer a opinião pública sobre as características mais salientes do regime fascista na sua acção contra as liberdades democráticas, na aplicação da justiça, na estrutura do Estado, nas perseguições e torturas aos patriotas.

O Comité de organização da Conferência de «Mesa Redonda» é composta por Anne-Catherine Ruet, secretária. Sónia Deleloye, pelo professor Heinz Gassmann, da Universidade de Lausana, Jean Pierre Garnier, jurista, Pierre Aguet, funcionário dos correios, Jean Marc Berrele, estudante e outras personalidades.

A «Mesa Redonda» é patrocinada pelos presidentes do Partido Socialista de Lausana, presidente das Juventudes Socialistas, escritores, deputados, sacerdotes, jornalistas, artistas, estudantes, médicos, etc.

## PAZ PARA O VIETNAM

### LIBERDADE PARA O VIETNAM

O povo do Vietnam não agrediu nenhum outro povo. Não procurou conquistar qualquer parcela do território de outro país. Não enviou tropas para os Estados Unidos. Não lançou toneladas de bombas sobre as cidades americanas. Não impôs àquele país um governo de marionetes. Esse papel cabe aos Estados Unidos. São eles os agressores e intervencionistas do Vietnam heróico.

É condição indispensável, para que haja paz no Vietnam, que cessem os actos de violência do país agressor — os Estados Unidos.

Está na sequência lógica de uma política de paz e de independência nacional a posição de novo definida pelo ministro dos Negócios Estrangeiros da República Democrática do Vietnam: Se o governo americano deseja realmente conversações, deve primeiro cessar incondicionalmente os bombardeamentos e outros actos de guerra.

O Vietnam quer a paz. Luta e trabalha pela paz. Mas os Estados Unidos querem impôr a sua

presença de gendarme da reacção sobre a terra vietnamita.

Por isso a paz no Vietnam é parte integrante da luta pela independência nacional. Ditá-la-á a gloriosa luta do povo daquele país. Mas a paz no Vietnam interessa aos povos do mundo inteiro. É parte integrante da paz mundial e da luta dos povos contra o imperialismo e os fomentadores de guerra.

Nessa batalha comum cabem a luta e o esforço do povo português, da juventude, dos intelectuais, das forças democráticas e progressivas de Portugal, para ajudar o povo vietnamita na sua luta libertadora.

A solidariedade ao Vietnam é um dever e uma necessidade das forças anti-imperialistas portuguesas. A batalha do Vietnam é também a nossa batalha. Saibamos ocupar com honra, na acção diária, na luta organizada, na solidariedade activa, o nosso lugar de combatentes pela causa da Paz, da Democracia e da Independência Nacional, pela causa do Vietnam.





## UM LUMINAR DA UNIVERSIDADE PORTUGUESA

Sobre a agressão dos Estados Unidos ao Vietnam afirmam 50 mil americanos numa declaração: — «Esta guerra é imoral e ilegal.» «Em nome da liberdade lançamos o terrível arsenal da maior potência militar do mundo contra um pequeno país agrícola, matando, queimando, mutilando a sua população.

O fascista André Navarro chorou lágrimas de carrasco na Assembleia Nacional porque «as guerrilhas no Vietnam do Sul matam milhares de jovens americanos que, disse, «lutam pela manutenção dos primores da civilização ocidental».

Eis o que os fascistas entendem por «civilização ocidental». E é isto um professor, um educador, um corifeu da Universidade portuguesa tal como Salazar a moludou!

## No "coração de aço" da Checoslováquia VISITA A UMA MINA DE CARVÃO

por José Vitoriano

Quase todas as minas de carvão da Checoslováquia fazem parte da bacia hulheira situada na região de Ostrava, cidade de cerca de 200.000 habitantes, no norte da Morávia. Esta região é considerada o «coração de aço» do país, porque sendo o principal centro carbonífero está aqui instalada a indústria siderúrgica.

Cerca de 50.000 mineiros e 70.000 operários metalúrgicos trabalham na bacia hulheira. Só a empresa Klement Gottwald, construída já depois de 1950 e considerada a primeira grande obra do socialismo na Checoslováquia, tem 25.000 operários.

Numa visita que fiz à cidade e região de Ostrava, foi-me dada a oportunidade de visitar uma mina. A descida fez-se pelo poço central a uma profundidade de 400 metros. Tratava-se da mina

Antonín Zapotocky onde trabalham cerca de 4.000 mineiros. O director desta mina é filho dum mineiro e ele próprio começou a sua vida como mineiro, aos 14 anos.

Todo o carvão é extraído por processos mecânicos, em que a intervenção directa do mineiro é reduzida ao mínimo, quer nas operações propriamente de extração, quer nas operações consequentes. Uma máquina avançando lentamente vai extraíndo o carvão e lançando-o ao mesmo tempo para um tabuleiro rolante que o leva, por sua vez, às vagonetes que se encontram num plano inferior e que, uma vez cheias, rolam até à entrada do poço, donde sobem à superfície.

Uma atenção extraordinária é dedicada à segurança dos mineiros, no fundo da mina. As explosões provocadas pela il-

beração do gás outrore frequente, e que tenhas vidas roubavam, estão hoje completamente eliminadas. A possibilidade de outros desastres, como derrocadas, que nas minas dos países capitalistas são ainda frequentes devido à negligência, à ganância do lucro dos exploradores e ao desprezo pela vida dos mineiros, é aqui mínima, devido a uma atenção constante pela segurança no trabalho. No que respeita às condições de sanidade, aos cuidados com a prevenção de doenças como a silicose, doença característica dos mineiros, bastará dizer que na policlinica dos mineiros, que também visitei, e que abrange não apenas os mineiros desta mina, mas os de toda a bacia hulheira da região, me foram mostradas estatísticas em que se verifica que os casos de silicose, em 1966, não foram além de 1 por cento.

Concluo, isto não significa que o trabalho dos mineiros não seja um trabalho duro em comparação com o de outras profissões. E precisamente isso explica que eles sejam dos trabalhadores mais bem pagos da Checoslováquia. O salário médio dum trabalhador checoslovaco fixa-se entre 1.500 e 1.600 coroas mensais (uma coroa equivale a cerca de 2500 a nossa moeda do câmbio turístico). Os mineiros que chegam a ganhar 3.000 e mais coroas por mês ou seja 6.000\$00 em moeda portuguesa.

Esta mina, como aliás todas as outras, possui o seu club e a sua casa de cultura, onde os mineiros têm uma vida associativa e cultural activa depois de terminado o dia de trabalho. Possui também uma escola para aprendizes, uma escola técnica nocturna, que possibilita aos mineiros continuarem a estudar e tirarem cursos técnicos, aumentando assim o seu grau de conhecimentos e de qualificação como trabalhadores. Há ainda cursos por correspondência, que muitos mineiros utilizam. Isto explica que aproximadamente um terço dos trabalhadores da mina tenham cursos técnicos. Este elevado grau de qualificação dos trabalhadores reflecte-se, como não podia deixar de ser, na produção e na qualidade do trabalho.

Nos países socialistas os trabalhadores estão directamente interessados no aumento contínuo da produtividade do trabalho e na qualidade dos produtos criados. Enquanto nos países capitalistas o aumento da produtividade é normalmente conseguido à custa dum maior esforço dos trabalhadores e corresponde sempre a uma intensificação do grau de exploração, de que só os capitalistas beneficiam, nos países socialistas, onde a exploração do homem pelo homem foi abolida, o aumento da produtividade obtém-se pela introdução constante de novos aperfeiçoamentos técnicos e métodos de trabalho e dela beneficiada a sociedade.

## CONTRA A REPRESSÃO UNIDADE DOS DEMOCRATAS E DO POVO

A violência da repressão é uma característica do regime fascista. Não é uma prova da sua estabilidade e do seu crédito político. É uma demonstração da sua fraqueza, do seu medo ao povo e às forças democráticas. É uma comprovação das suas crescentes dificuldades.

O ano que findou conheceu dezenas de prisões no Alentejo, Alentejo Margem Sul. A PIDE prendeu o destacado militante comunista Diniz Miranda, trabalhador agrícola de Montoito, cuja vida é uma demonstração de coragem, de dedicação à causa do povo. Prendeu Manuel Gonçalves, membro do Partido Comunista, que há anos se evadiu com Diniz Miranda da colónia penal de Paços de Ferreira, para retomar o seu lugar na luta. Prendeu Aida Paula, que passou 8 anos nas prisões fascistas e 17 anos na clandestinidade. A PIDE mantém-na isolada e sem tratamento médico, quando é grave o seu estado de saúde.

Continuou a repressão fascista contra os intelectuais. O escritor Stau Monteiro permaneceu longos meses encarcerado no forte da Trafaria.

O governo açulou os seus cães de fúria contra os católicos, que não subordinam o seu pensamento e os seus conceitos religiosos à orientação política do fascismo. A Cooperativa católica «Pragma» foi assaltada e encerrada, detidos os seus dirigentes.

Em 15 de Novembro passado foi preso Aníbal Queiroga, director do jornal «Democracia do Sul». Caucionado em 100 contos para obter a liberdade condicional, viu-se detido logo em seguida pelos esbirros da PIDE. Em Dezembro último, a polícia prendeu em Lisboa o Dr. Mário Soares. Foi igualmente detido o Dr. Álvaro Sôeiro, residente na cidade de Braga.

Nas prisões fascistas acentua-se o ambiente de terror e em

particular na sinistra fortaleza de Peniche, onde o governo fascista mantém uma equipa profissional de torturadores de presos, capitaneada pelo seu director, capitão Manuel Falcão e pelo chefe dos guardas Vítor Remos.

Num ambiente de provocações e de maus tratos, sem assistência clínica conveniente, com uma alimentação imprópria, o estado de saúde dos presos regista um contínuo agravamento, que toma um carácter geral. Os longos anos de detenção, provocados por pesadas condenações e pela aplicação das «medidas de segurança», agudiza ainda mais a situação. É grave o estado de saúde de Pires Jorge, que deu entrada há dois meses no hospital prisão de S. João de Deus. É igualmente grave o estado de saúde de Afonso Gregório, Sofia Ferreira, José Carlos, Augusto Lindolfo. Estão seriamente doentes Branco Teixeira, Dias Lourenço, José Magro, Alda Nogueira, Albino Pato e muitos outros presos. A sua libertação tornou-se uma imperiosa necessidade, se não queremos que os carrascos salazaristas consumam novos e nefandos crimes.

A solidariedade nacional e internacional, que tornou possível a recente libertação de Agostinho Saboga, Natália David, Mariana Janeiro e Maria Helena Noales, arrancará às mãos do fascismo muitos dos melhores filhos do povo.

Estamos perante uma nova ofensiva do governo fascista contra as forças democráticas e o povo português. Estamos perante uma situação grave e premeditada. O aparelho repressivo salazarista actua no país inteiro, nas estradas, aldeias, vilas e cidades de Portugal. Ampliam-se os auto-stopes, as buscas a bairros inteiros, a vigilância revoltante sobre transeuntes, automóveis e outros veículos. As forças repressivas tentam por estes

processos intimidar o povo, treinar as suas forças para a guerra civil, destruir a acção das forças democráticas e em particular do Partido Comunista Português.

A nova vaga de repressão, os democraticos e o povo só podem responder com a intensificação da sua luta, com o reforço da sua unidade, com uma crescente e organizado resistência.

Ao ambiente de intimidação opunhamos um ambiente de acção e mobilização popular. Organizemos a resistência à repressão nos locais de trabalho, nas aldeias, vilas e cidades do nosso país. Fomentemos o espírito de resistência contra as forças repressivas, que de modo diverso impõem o abuso, a tirania e o arbítrio. Fortaleçamos a unidade das forças democráticas e a sua ligação com os massas populares. Multipliquemos as acções de solidariedade aos presos políticos e pela amnistia. Multipliquemos as acções de protesto junto das autoridades, quer à escala do país, quer além fronteiras. Quanto mais amplas forem as acções de solidariedade e de protesto e quanto mais bem organizadas, maiores serão os seus sucessos.

## Disputar as eleições sindicais É LUTAR POR AUMENTO DE SALÁRIOS

O aproveitamento e transformação dos sindicatos, de órgãos de dominação fascista em campo de luta dos trabalhadores, constitui uma rica experiência da classe operária.

São inúmeros os exemplos que nos mostram como os sindicatos têm sido utilizados pelos trabalhadores para aí colocarem as suas reivindicações, através de assembleias, de pequenas e grandes concentrações, através de idas de delegações, do envio de petições e abaixo assinados, etc., para pressionarem as direcções na defesa e solução das reivindicações apresentadas.

Só no corrente ano podemos citar, entre outras, a luta dos portuários de Lisboa, dos empregados e revisores da imprensa, bancários, ferroviários, corticeiros do Montijo, como exemplos do correcto aproveitamento dos sindicatos para discussão e colocação das suas rei-

vindicações.

Mas a actividade sindical será mais facilitada se à frente dos sindicatos estiverem direcções eleitas pelos trabalhadores e que gozem da sua confiança. A eleição para os sindicatos de representantes dos trabalhadores, sérios e firmes, é uma condição importante para o desenvolvimento da luta por melhores salários e vencimentos, por melhores condições de trabalho.

Dezenas de contratos colectivos aguardam a sua revisão e actualização. Encontram-se nesta situação os contratos colectivos dos metalúrgicos, têxteis, electricistas, motoristas, bancários, professores do ensino particular, operários dos laçnicos, das construtores e reparações navais, dos trabalhadores dos produtos resinados, dos armazéns de vinhos, do cinema e outros.

A revisão de vários destes contratos já foi pedida há anos, mas devido à deficiente luta dos trabalhadores e ao desinteresse das direcções sindicais, esse revisão ainda não foi concretizada.

Trabalhem para que as próximas eleições sindicais registem uma larga afluência de operários!

Trabalhem para que sejam eleitas direcções honestas e fiéis aos interesses dos trabalhadores!